

QUINTA-FEIRA
Lisboa--14 de Novembro--1929

OS TÓES

4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre

182



fixe

semanario humoristico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57



«Sempre nos curva-se diante a saudade da memoria de Columbano, gloria da pintura contem-
poranea, não só de Portugal, como de todo o mundo.

Antes de o prostrar para sempre, o seu coração de artista e de patriota, legou à Nação o preciosissimo
tesouro de muitas das obras imortais do Mestre. Extraordinario genio e rara liberalidade!



Os ditos da semana



6 mil contos É o premio maior, o premio cathedral da Santa Casa da Misericórdia, pelo Natal! Rejubilai parias de Portugal e Ultramar. Sonhai com essa montanha de ouro que, afinal, é papel. Podeis comprar tudo. Palacetes, automoveis, corações—e até um bocado de pão, para os que ficarem a fazer cruces na boca! Nadar em dinheiro, coisa verdadeiramente impossível, metáfora diabólica em que a razão delira, nas crueldades da sorte, pode ser um facto. O peor e se vamos ao fundo, com o peso das ilusões! Daqui até lá podemos emborrachar-nos de sonho. Comprar tudo! Um bocado de fantasia basta. Basta, mas não chega, porque a sorte grande, como dizia o André Brun, é uma coisa rica coisa! — que sai aos outros...

...São quasi sempre os que não precisam!

Jonerajadog! Andou por aí o novo profeta. Trazia um barrete roxo e uma capa encarnada.

Falou ás massas e pregou boa doutrina. Pelo barrete parecia judeu, mas pela capa lembrava o Cristo, de modo que não é facil descortinar-lhe a raça nem os intuitos. Prevê-se apenas que se trata dum candidato a martir, mas sem sucesso. Até hoje, ainda não conseguiu ser coroado de espinhos nem crucificado.

Arte de furtar O padre Antonio Vieira além de ser jesuita era muito ingenuo para o tempo.

Quando o Senhor D. João VI se decidiu a ser rei, por conselho de sua excellentissima esposa, que tinha cabelinho na venta, a fidalgaria de então expoliava o zé-povinho conforme lhe apetecia, e o

tesouro pblico... nesse nem falar é bom porque era uma razia. Antonio Vieira publicou, então, a *Arte de Furtar* que, não é um manual para aprendizagem dos rapinantes, como a *Arte de ser rico* e quejandos, mas sim uma serie de sermões, mais ou menos diluzos e ameaçadores contra os delinquentes do seu tempo, (seu dele, Antonio Vieira).

Entramos então, na infancia da nobre arte de roubar. Agora, essa sciencia é muito

mais complexa, e de resultados positivos e pingues.

No Algarve, que além da alfarroba tem muito bons marmelos, descobriu-se agora que havia quem segurasse os agonizantes e deluntos, recebendo o respectivo seguro, quando uns e outros tinham entrado, decididamente, no outro mundo!

Tudo isto «por bem» como grasnam as pegas, na sala do Paço de Cintra. Não dizemos que não, o peor é que por es-

te caminho de roubar o proximo, está-se mais proximo da tortuna do q: e da cadeia. Sempre ha cada inocente!

Um buraco Na rua do Ouro, mesmo junto das escadinhas de Santa Justa, fizeram ha dias um buraco. Canalisação de agua? Gaz? Electricidade? Não sabemos. Sabemos apenas que havia um buraco.

Quem passava metia o nariz, porque o portuguezinho valente não pôde ver um buraco sem o cheirar, sem lhe introduzir o promontorio nasal, sem inquirir, sem beshbihotar as razões porque o fizeram.

É, como o buraco, ao contrario doutros buracos que nos conhecemos não fala, ficava toda a gente a ver navios.

Aquilo foi obra de poucos dias, mas, enquanto durou, não lhe faltaram os visitantes curiosos.

Um inglez que por ali andava estudando costumes, chegou á seguinte conclusão:

— A população de Lisboa dever ter gastada dois secula para ver ruinas de terramota.

A estatua Numa ilha italiana, se não estamos em erro, appareceu uma estatua antiga.

Como tinha apparecido a estatua, appareceram logo os sabios archeologos e como appareceram os archeologos, appareceu asneira.

Concluíram os sabios: — Esta estatua deve ser copia doutra estatua grega que nós nunca vimos e de cuja existencia não temos conhecimento.

Recordemos a proposito uma velha anecdota.

— Donde vens tu?
— Do pesca dos robalos.
— E quantos apanhaste?
— Nenhum.
— Então como sabes que vens da pesca dos robalos?

Alvaro de Andrade



Sexta-feira, 15, no Gimnasio, primeira noite de «A Primeira Noite», ou seja a famosa peça de Charles Méré, «Le Lit Nuptial» traduzida a primor pelo nosso querido camarada Alvaro de Andrade.

Nada mais agradável nestas noites frias do que passá-las no «Lit Nuptial» e gosar a lua de mel em 4 actos com que Alvaro de Andrade vai brindar Lisboa inteira.

Pela nossa parte já estamos em camisa de noite, prontos para o tálamo e para entalar num apertado abraço o feliz tradutor.



— Seja como for... Fizeste mal em deixar-te beijar por esse alemão...
— Pois sim papá... Mas como podia su dizer que não se não falo alemão.

(De «La Nación»)



— E agora estou construindo um automovel a pouco e pouco.
— Ah! sim?
— Já tenho o ar dos pneumáticos.

(Do «Gutierrez»)

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

Auzenda de Oliveira

A *Prise*, peça americana, mais conhecida por este nome francês, começa a ter a sua história... Uma história teatral engraçada como quasi todas as que, neste momento, rodeiam a scena portugueza...

O assalto á peça americana é, sem exagero, uma vergonha. Todos os empresarios vêem nela o seu salvatorio, a sua ancora, para conseguir a folha de companhia... No entanto, entre os assaltos, quasi á mão armada, que se têm feito á produção teatral yankee, figura o que se fez no drama *The Spider*, ou seja *Prise*, em francês, ou seja *La aranha de ouro*, em espanhol...

Contamos em varias paginas a historia da conquista da peça e da conquista da tradução...

Hoje, o jornalista *Reporter X*, no seu *Jornal*, a resenta um ponto ao que temos relatado. É um verdadeiro ponto final... Ponto final que caracteriza bem quem são certos autores dramaticos portuguezes e quais são os seus processos de trabalho...

O *Reporter X* cognomina de escandalo teatral o caso da *Prise*. É o realmento. Excede tudo. Começa por dizer:

«Hoje grã-se e vê-lo numa azar-fama, numa batalha de bastidores, lutando nas trevas, esfofandamente, para a conquista de novas Marys Dugans. Portugal ignorava por completo o teatro americano, as suas características commerciaes, a sua pujante amassada com o talento de negocio dos yankees; ignorava a existencia de dramaturgos como Blanford, Dorothy Slater, Charles Brooy e George Elliston; comediografos como John Hamilton, Clara Foster, Roger Whipple, Edgar Telder; ignorava que na America se fazem peças como se fazem filmes, como se fazem automobiles...»

«A presença ainoa, com verdadeiro espirito:

«Ora como todos os países da Europa estão importando teatro americano, como importavam «Ford» e «Chevrolet» e filmes da Metro e da Fox — foi preciso que alguém fosse a França para que se lhe revelasse o novo jazigo de petroleo...»

Referente, propriamente, á peça *Prise*, *Reporter X* transcreve o que aqui escrevemos, nestes termos:

«É Alvaro de Andrade quem nos conta. Um crítico (não nos quiz dizer qual) deu a novidade a um tradutor. — «Queres apanhar outra sorte grande como a Mary Dugan? Arranja os direitos da peça americana *Prise*. É melhor ainda.» O tradutor correu ao Alexandre de Azevedo e este comprou a peça para o seu repertorio. Entretanto o Erico Braga, empresario pirandellesco — sabe da historia e zás! — comprou a peça. A quem? Ao autor? Ao tradutor pseudo francês? Mas eis que o Mendonça de Carvalho tem noticia do que se passa e, enquanto o Alexandre e o Erico discutem — zás! — compra a peça a um terceiro intermediario. E não fica por aqui. O Alves da Cunha — que estava no estrangeiro — tem quem o informe da barafunda e chega a Madrid e zás! — compra a peça ao Cadenas — o tradutor para espanhol. E é porque não ha mais empresarios nem mais representantes do autor americano — senão nunca mais acabavam as compras.»

Agora começa o escandalo... ou por outra, a pouca vergonha, a ousadia... Não sabemos de quem se trata, nem sequer adivinhámos. Não diremos porque haverá multos dramaturgos des-



Uma artista de opereta que foi para o teatro declamacao - ou uma estrela que canta na opereta e encanta na comedia

ta força... mas porque não nos interessa o nome. O facto em si e que fala como gente e dá-nos ocasião a pensar que outros casos se têm dado, se não iguais, pelo menos bastante aproximados.

Tem a palavra o nosso colega:

«Mas — e isto é que Alvaro de Andrade ignora — este comico escandalo teatral de cinco empresarios com a mesma peça adquirida e todos a jurarem que a peça lhes pertence — não remata na confusão e no berreiro. Existe na fauna dos teatros portuguezes uns autores com dezenas de originaes, considerados homens de letras, comediografos, dramaturgos, que protestam contra a invasão do teatro estrangeiro, que exigem a protecção ao teatro nacional — mas que nunca ou poucas vezes escreveram uma peça que fosse legal e totalmente sua. Essa fauna, povoada por dezenas de orafes que muralham os palcos e põem a scena portugueza em estado catapleptico — vêem uma ou duas peças espanholas ou francezas, traduzem-na, misturam-na, metem umas piadas de uma quarta ou quinta, adaptam-na; o que se passava em San Sebastian passa a ser na Figueira da Foz; o que era cantar de opera em Paris passa a ser «Arim da G. R.», põem os seus nomes em garrido, nos cartazes e em minusculo — inspirado uma obra estrangeira. Não pagam direitos e alardeiam de «autores» propriamente ditos...»

Todos os que se interessam pelo teatro e os que julgam ver em determinados cidadãos os salvadores do teatro portuguez, devem ler isto. Merece uns minutos de atenção:

«Pois muito bem. Enquanto a discussão se adivava em redor da *Prise*; enquanto cada um dos cin-

co jurava que a obra era dele e que não a dava a mais ninguém — um dos comediografos do contrabandismo internacional procura um dos empresarios, fã-lo interromper a disputa e segreda-lhe com uma piscadela d'olho que acabara naquela mesma manhã uma peça d'arromba, insofismavelmente, absolutamente, totalmente, original, escrita numa semana de divina inspiração e cujo exito estava tão garantido como os depositos do Banco de Inglaterra. O empresario, temendo ficar sem o attor da peça americana e confiado no talento do comediografo, predisps-se a ouvi-lo. Mas á medida que este caminhava ao longo das scenas, dos dialogos, dos actos, ia franzindo o sobr'olho, agitando-se na cadeira, coçando a cabeça e exteriorizando outros sintomas de nervosismo ou de impaciencia. Terminada a leitura, o autor, enxugando o suor e impando de orgulho, pergunta:

— Modestia á parte: é ou não é uma esplendida peça?

— Sem duvida! — concordou o empresario. — Mas... é original teu?

— Ora essa! Completamente meu — a ideia, a tecnica, toda a obra é minha, da primeira á ultima linha. E porque dizes isso?

O empresario, estoiroando uma gargalhada, explicou:

— É que os malandros dos americanos adivinharam ha dois anos e a uma distancia de muitas milhas que tu havias de escrever essa peça... e roubaram-te a ideia, a tecnica, o dialogo, toda a bora — antes de que tu a escreveses!

Era nada mais nada menos do que a peça americana *Prise*, tão cubicada pelos cinco empresarios — e que o cavalheiro escamoteava, adaptando-a e impingindo-a como «original seu...» E a partir de então, o citado comediografo ficou

aporado com a alcinha do atenio Americanos.

O teatro portuguez esta grande transcreção, mas o escandalo moroso... merece, tanto mais que a publicidade da *Prise* do autor dramatico deve fazer-se o mais possivel.

Ela ha cada um... Que topet!

CONTINUA a dar ar á pluma... o T. A. Que esse ar se prolonge pelo inverno dentro... mesmo ate á primavera, quando os campos se enchem de verde... são os nossos votos. Os nossos e os d'um camarada meu, que deseja adquirir um objecto que serve de cobertura... em tudo identico ao do actor-empresario E. B...

Na capital de norte estrou-se uma revista intitulada «Boa variação». O nome e, deveras, portuense... Uma noticia teatral diz que:

«A companhia é modesta, mas equilibrada — é dirigida pelo actor J. T. e tem a graciosidade capta da actriz D. M.»

«Capitosa» é boa. Mas um objectivo que faltava a *gita* dos reclames teatros... «Capitosa» costuma apelar-se ao vulto... e como a revista é teatral...

Um que foge, ou uma paragem que se destrancha. Lembra-se esta noticia:

«Em virtude de afazeres profissionais que, por algum tempo, o impedem de colaborar em qualquer trabalho teatral, o sr. J. M. M. deixou de fazer parte da parceria em que tem figurado o seu nome.»

Será para sempre? Não mercediamos. O teatro tem um *tuam* especial... Atrai mesmo os que nunca viveram dentro dele.

M. M. volta... e volta melhor. Dissorramos ate que a sua proxima peça se intitula: «A T. S. F. só trabalha quando não é preciso... ou as pirraças das ondas hertzianas.»

DIZ um reclame teatral:

«Z. M. bisa todas as noites o «Beijo brasileiro» e o «Fado», dois numeroes novos de grande exito da revista em scena no T. V.»

Bisa o beijo... não é mal dito! Bisar o beijo todas as noites é que deve cançar... deve ser fugigante e extenuante!

O E. T. foi despejado...

Foi a noticia triste da semana, no meio teatral.

Morreu o sonho do J. C. e perdeu-se o seu trabalho insano durante alguns meses... Se não tivesse já a cabeça branca, era caso para os cabellos se lhe enevarem de repente... Não foi para menos...

ABRIU o T. P. e vai fechar o T. N. Em teatro é sempre assim... Vive-se como os alcastruzes... Ora cheios, ora vazios...

O Homem das 5 horas

A historia dum avarento

Um conhecido milionario no nosso meio comercial e industrial, tendo ha tempos achado, numa das ruas da provincia, uma moeda de dez centavos e pedindo-lha um pobre homem todo rôto e esfarrapado que o viu levantar a moeda do chão, deu-lhe a seguinte resposta:

— Não dou! Se quer dez centavos, ache-os e apanhe-os para si, que eu achei estes para mim.

Mark Twain, o distinto escritor e humorista americano, autor de «A rã saltadora» e do «Roubo do Elefante Branco» e de uma infinidade de historias burlescas, na sua maioria engraçadissimas, dá-nos, em um dos seus livros, o conto dum avarento que talvez leve a palma ao nosso bom milionario. A historia é mais ou menos assim:

«O homem mais miseravel que eu jámais conheci — diz ele — vivia em Humitabal. Um dia vendeu a seu genitor metade de uma vaca, isto é, comprou com ele uma vaca a medias, como é de uso dizer-se, e depois recusou-se a repartir com ele a leite que ella produzia, dizendo que só lhe tinha cedido a metade da frente.

Por esta mesma razão, era ainda o pobre genitor que tinha a obrigação de a sustentar, dando-lhe o necessario alimento.

Um dia a vaca deu-lhe uma marrada e levou-o de encontro a uma rede farpada, onde elle se feriu bastante. Em face deste desastre, o bom sogro intentou uma acção ao genitor de perdas e danos.

Esta faz nos lembrar o caso do homem mais miseravel e avarento do

mundo, de quantos têm aparecido ultimamente.

Um milionario francês, muito celebrizado na Imprensa pela sua generosidade, a quem Dumas pai, num momento de aperto financeiro, escreveu uma carta, a qual terminava por uns engraçados versos.

A carta era uma verdadeira preciosidade literaria.

O milionario recusou-se a atender o pedido de Dumas. E, nessa mesma noite, reunindo em casa amigos seus, suscitou em dado momento a conversação derivar para o valor de certos autografos.

— Uma carta de Vitor Hugo, de Lamartine, de Gautier, vale um bom par de francos — observou um dos convidados.

— E as de Alexandre Dumas? — perguntou o milionario.

— Porquê? Tem alguma?

— Tenho! Está aqui esta carta confidential da grande romancista.

— Dou-lhe cem francos por ella!

— Se me der quinhentos, a carta é sua! — respondeu o milionario.

Dentro de pouco tempo, o negocio estava feito, e assim o usurario milionario ganhava quinhentos francos a custa de Dumas, a quem horas antes havia recusado obsequiando com um pequeno emprestimo.

E ja agota... este caso faz nos lembrar apelo suntuoso falhado, que exigiu uma indenizacao ao homem que lhe cortou a corda, na boa intenção de o salvar, por o seu corpo, quando caia da arvore em que tentava enforcar-se, ter estragado algumas couves do quintal.

Elevador da Gloria

No tribunal:
O juiz: — O acusado contou a historia como se na Porto, de em Lisboa e com a sua mãe. Abga alguma coisa em sua defesa?

O réu: — Sim, senhor juiz! Que sou docto...

— V. sabe, Gostês, Tenho um processo no tribunal contra esse patife do Americo e ando a pensar na forma de o ganhar. V. que diz: Vou mandar os perus ao juiz. Vou ser gentil para com ele e... ganharei assim a quebra.

— Voce não seja tolo, Eduardo. Não mande os perus ao juiz porque ele é um homem sério. É um homem bom, um homem honrado.

— Pois sim... Mas eu vou mandar os perus.

— Não faça isso que v. apalha uma grande talhada. V. se manda os perus, perde o processo. Au vê.

— Pois sim...
— Já lhe disse, Olhe que o juiz não é venal. Repetelhe: é um homem bondadissimo, serussimo. Veja lá o que faz.

Meses volvidos, Eduardo volta a encontrar-se com Gostês:

— V. sabe, senhor, ganhei o processo!

— Bravo! Dê-me um abraço. Parabens.

— Muito obrigado.

— Ganhou então o processo, não?

— Ganhei... Gostês e mandei os perus ao juiz.

— O que? Voce mandou os perus ao juiz?

— Sim, senhor.

— E ganhou a questão? Que mandando esse juiz... Mas v. mandou os perus, de verdade?

— Mandei, sim, senhor... mas em nome do outro.

A bagagem dum artista

A. C. é um artista lirico muito conhecido nos meios boêmios de Lisboa. Algumas das suas aventuras revestem-se do gracioso imprevisito, das aneddotas de invenção. Perdulario como todos os boêmios, o dinheiro tem para ele apenas o valor dos prazeres que lhe proporciona. Daí uma serie de contrariedades, de pequenas misérias, de profundas locubrações para obter o fugidio pão de cada dia. Os melhores fatos, incluindo seu guarda-roupa de artista, aguardavam quasi sempre, como penhor, os escudos do resgate, succedendo então que A. C., por dificuldades de indumentaria, andava, em regra, no verão, de sobretudo forte que lhe occultava as calças rôtas no trazeiro, e, no inverno, de fato leve e sem colete, porque o sobretudo repousava, saudoso do corpo do seu dono, em qualquer penhorista.

Apesar de tudo, o bom-humor nunca abandonava o artista. A sua luhia impavida, o seu monoculo e o seu espirito esfuante de graça fazem esquecer a pobreza da sua indumentaria. De resto, a estes dotes de espirito deve sua longa duração a intimidade que ele vem mantendo ha anos com certa completista espanhola que, sendo o seu unico, tambem é, por vezes, devido ao seu génio picado das beixigas, o seu maior tormento. Ella que se de deixa de ser boêmio, que recolha cedo

a casa, que tome juizo, e A. C., prodigo em promessas, é relaxado no seu cumprimento.

A completista enche-lhe os ouvidos de descomposturas, insulta-o, quasi o agride — mas o artista não se emenda. Confessa, com certa vaidade, ser incorrigivel. Ha anos, estando hospedados no mesmo hotel, travaram-se de razões e a discussão foi tão violenta que A. C., esgotada a paciencia, resolveu abandonar a companhia e o hotel. Desceu as escadas correndo, só parando na rua, onde soltou um profundo suspiro de alivio. Este não durou muito, porque a uma janela do hotel assomou a espanhola, descompondo-o e gritando-lhe lá de cima os ultimos insultos.

A. C., exasperado, disposto a quebrar definitivamente as relações com a amante, reclamou-lhe a sua roupa.

— Mira disse-lhe — *mandame el equipaje.*

Ella, de má catadura, fez sinal com a mão que esperasse e desapareceu,volvendo pouco depois para lhe gritar:

— *Al tientes el equipaje!*

E atirou-lhe da janela um par de meias rôtas e sujas, que era tudo quanto A. C. possuia.

Jazz-Band



— Já sabe que a mulher do Zé serralheiro teve um filho?
— E o meudo é forte?
— Fortissimo! É um varão de ferro...

GRAÇAS ALHEIAS

O Vasconcelos passara a noite em grande orgia. E manhãzinha, quando resolveu recolher a casa, tomou um taxi nos Restauradores.

— Para onde vamos? — pergunta o *chauffeur*.

— Para as Lorangeiras.

O Vasconcelos, perturbado pelo alcool, foi aos encontrões ás paredes do carro até que, a certa altura, com voz avinhada e a cabeça algo perdida, disse para o *chauffeur*:

— Pára aí...

O *chauffeur* parou e, logo a seguir, ouviu do freguês:

— Quanto marca?

— 7 escudos...

— Ah! 7 escudos?!

— Sim, senhor.

O Vasconcelos, bêbedo que nem um cão, começou a procurar nas algebras o dinheiro.

E porque apenas encontrasse 3\$50,

voltou-se para o *chauffeur* e tornou a perguntar:

— Quanto marca até aqui?

— 7 escudos...

— Bem... Então anda para traz até marcar 3\$50...

— Num consultorio medico:

— Não tenha duvida alguma: o senhor está atacado de reumatico.

— Eu?!

— Sim, senhor. Diga-me; teve algum reumatico na sua familia?

— Sim, senhor: meu filho...

Num exame de direito romano:

Professor: — O que é patrimonio?

Aluno: — O que se herda do pai?

Professor: — E matrimonio?

Aluno: — O que se herda da mãe...

Professor: — Pode retirar-se.



— Quanto custa 3 gerais para a revista?
— Trinta escudos.
— Não dou mais que 10. Tanto mais que a revista já é velha.
— Pois sim, mas pode crer que ainda é fresca...

Mister One e Mister Two

I

Mister One habitava a 21.^a avenida da cidade de New-York.

Mister Two habitava a 22.^a avenida.

Mister One nunca tinha sido apresentado a Mister Two, mas encontrava-o muitas vezes.

Mister Two encontrava-se, em relação a Mister One, na mesma situação.

Ambos tinham os seus escritórios na 23.^a avenida. Mas, como nunca tinham sido apresentados, não podiam nem queriam apertar-se as mãos.

Todavia, Mister One e Mister Two eram — caso raro na America — dois gentlemen.

Quando se encontravam, tiravam o chapéu respectivo e diziam: — Bom dia, senhor. Nada mais.

II

Um dia, Mister One, que se dedicava á propaganda dum automovel americano, partiu para o Japão.

O navio naufragou perto duma ilha deserta.

Mister One foi o unico passageiro que ponde alcançar terra a nado.

Ali chegado, vestiu-se de folhas de palmeira, porque todos os seus fatos tinham ficado no navio e a roupa que

trazia á altura do naufragio tinha sido rasgada pelo mar. Assim coberto de folhas, Mister One começou a sua vida errante pela ilha deserta.

III

Nun outro dia, Mister Two, que se dedicava á propaganda duma marca de automoveis americana, tomou um vapor para o Japão.

Mas o navio naufragou perto da mesma ilha deserta.

Dos passageiros, só ele conseguiu ganhar a terra a nado.

Quando chegou á ilha, não viu logo o seu compatriota, mas o decoro obrigou-o a vestir-se, como ele, com folhas de palmeira.

E, alimentando-se de raizes, lá foi errando pela ilha deserta.

IV

Algum tempo depois, Mister Two encontrou Mister One e, naturalmente, Mister One encontrou Mister Two.

Levantando um pouco as folhas que os cobriam, olharam-se e disseram: — Bom dia, senhor. Nada mais.

Nunca tinham sido apresentados um ao outro.

E foi a ultima vez que se viram.



— Pois... sim senhor. Agora compreendo porque é que o meu marido quando está em casa não quer que eu me fature a limpar os moveis!...

COISAS DO POVO

Se queres vir o vilão, mete-lhe a vara na mão! Deve ficar arranjado quem cair em tal esparrela! P'lo menos fica arriscado a que ele lhe dê com ela...

Tristezas não pagam dividas! A quem voelencia o diz! Senão eu de faces lividas e de afilado nariz, melancolico o olhar, de luto sempre trajado, passando o dia a chorar, com ar muito contristado, pagava e bem de repente o que devo a tanta gente!

De noite todos os gatos são pardos. Estes rifões são pal, estes bastardos, põem-me e sai na moeira p'ra rebater tanta asneira. Com tanta iluminação,

tanta luz p'ra ahí a rodos, quem sustenta a opinião que os gatos de noite são iguais uns aos outros todos? E mesmo antigamente, em que o caso era diferente, para o rifão certo estar, era preciso mudar — oh! ingenuas creaturas! — de noite por ás escuras. E ainda assim, digo eu, só sendo escura qual breu se confunde (vou ser franco) um gato preto co'um branco...

Quem não aparece, diz o rifão, esquece. E' por isso que eu sei d'alguns senhores que não querem aparecer aos seus credores, só p'ra vêr, dizem eles, se é ou não muito certo o que diz este rifão...

As descobertas notaveis

O nosso seculo é autenticamente a época mais insolentemente iconoclasta que até a esta bola sublinhar tem descido do deposito celestial do tempo.

Não sou eu que propriamente o digo. E' uma revista estrangeira absolutamente idonea e solvente, qualidades que são, como sabem, as duas grandes bases do credito.

Limite-me, pois, a pôr o meu aval nestas considerações e que os meus leitores lhes dêem o desconto que entenderem.

Tem a palavra a dita revista:

As tradições mais solidas derruem-se pela base, as crenças mais sagradas sofrem os mais afrontosos ataques. E até a Biblia, o livro dos livros, em que desde a nossa infancia confiamos cegamente, é hoje objecto de discussões irritantes, digamos — improprias.

Ora vejam lá esta se não é de dar cabo da nossa fé, como se lhe dessem um formidavel pontape.

Toda a gente acreditou até hoje que Jonatas — o do Antigo Testamento — tinha sido engulido por uma baleia, no buxo da qual passou três dias, viajando como num submarino, até que ella o vomitou delicadamente numa praia.

Por isso mesmo é que ele era considerado o patrono dos submersiveis.

Vem agora um inglês de má morte contar-nos que, visitando a Mesopotamia,

lhe mostraram nos arrabaldes de Ninive um osso da baleia que para provisoriamente Jonatas. E, a proposito de afirmar que não acreditara na autenticidade do osso, descobriu que toda essa historia da baleia do Jonatas é uma santa historia. Toda ella deriva duma confusão de palavras.

Assegura o magico que na antiga Ninive, certas ruas de má fama tinham como distintivo uma baleia, á laia de lanterna vermelha, como hoje, em muitas cidades da Europa, se usa para o mesmo fim.

Jonatas, que parece tinha um grande fraco pelas jovens belezas ninivitas, meteu-se por uma dessas ruas e por lá se deixou ficar durante três dias. Lembrando-se, no fim desse lapso de tempo, de qual fora a missão que o levava á cidade infiel, regressou ao seu lar, contando simbolicamente a mulher a tal historia da baleia.

A explicação devem convir que é curiosa. Mas, por este caminho, — exclama afflitivamente a referida revista — para onde vamos nós?

Chegaremos um dia até ao ponto de apreciar, com reprovadora severidade, a conduta de Abraão metendo a mulher a cara do Faraó, na mira de grandes bens e de enormes rebanhos?

E o que se dirá daquela ingenua Ester que se deitou com Assuerus (o Antigo), depois de previamente macerar a pele com aromas preciosos?

Por este caminho, são capazes de a comparar a um papillon do Maxim's...

Dr. Valearino.

Bom humor dos outros

Dois amigos encontraram-se: — Então, já arranjuste alguma colheita? — Faço a diligencia para entrar num Banco. — Quando? — De noite...

— Qu' deseja? — Vinte e cinco para receber a conta. — Qual conta? — A do seu fado. — Ora essa! Mas eu não lhe devo nada! — Não me deve nada?! — Não, senhor. Então et, quando lá fui á loja, não lhe disse: pago-lhe agora metade e o resto fico a dever?... Já vê que não lhe devo nada.

Um individuo que traz algumas

questões para tributar vai ter com o seu advogado:

— Mas, uma sentença contra mim, doutor. O que hei de fazer agora?

— Agora... apela. — A quem, sr. doutor, já v. ex.ª cá á terra. Só se quer o osso.

— Sr. Romão, já alguma vez lhe trouberam a sua loja? — Não, senhor. E por uma razão muito simples: é que nós vendemos tudo tão barato aqui que, quando um ladrão precisa dum artigo qualquer, vem cá e compra-o.

A senhora á mesa creada: — O almoço, geralmente, é as oito horas.

A creada: — Esta bem, minha senhora, mas se a essa hora eu não aparecer, faça favor de não esperar...



— En que momento se come de una gallina? — En los dientes... — Pero si las gallinas no tienen dientes? — No; pero los tengo yo...



Fitas faladas

Não deve vir longe o glorioso dia da União da Família Cinéfila Portuguesa, com almogós discursos e tudo. Nós queremos ser os primeiros a dar o exemplo. Para festejar condignamente a semana da Paz, perdoamos aos nossos inimigos, como muito bem manda o Padre Nosso e o sr. Aristides Briand. E' por isso que decidimos nunca mais falar a famosa aneddotica historica do Miguel de Vasconcelos e da sua botcha-surpresa.

As próprias fitas propriamente ditas, resolveram contribuir para esta grande obra de confraternização. O Patriota conseguiu mesmo o milagre de pôr os críticos e o publico de acordo. Todos disseram que o filme é muitissimo bem feito, que os artistas são muitissimo bem, que o Nicolai no teatro e Boris Godunoff na Proposito, e que as legendas são muito boas.

Destes milagres não conseguem fazer nem a Senhora de Fatima nem o sr. Rino Lupo. Mas em se tratando de patriotismo, estamos todos por aqui, para as curvas...

Os filmes do S. Luis também têm tido unanimidade de votos. O Juízo conseguiu adormecer o São Luis em massa. Foi preciso crear o publico nos estadios para o acordar. Também lá fomos, pela porta da caixa, pedir uma borla a Cabana do Pai Vinho. Vozes. Mas ainda não é a altura de pôr a preto no branco, porque não basta ter que falar de Le Rouge et le Noir.

Não fazemos o standal da fita do Mosquitito, porque o espirito é tirado contra a Bona. Mas sempre diremos que o velho Ivan voltou nos seus velhos tempos, pelo que muito rejubila lá o S. G. E.

Francisco Santos Tavares tomou posse da Cinéma Central. Mas a senhora senhora não está a chorar no ar que se o Mosquitito tivesse, consertaram conserto.

Se a Fita do Povo exaltar todas as coisas no Anjo d'Ouro! E' isso para dizer que foi no Porto, vem de lá com o Grigorioff alçado e dá com muita boa gente do marizinho.

Retardador



- Morreu a tua tia Carlota?! Mas... no mês passado faltaste pelo mesmo motivo...

- Sim, senhor. E' que ela continua morta...

(Do «Sydney Bulletin»)

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 - LISBOA Sempre sortes grandes!

A ultima de Ramona

Ramona era uma romantica que em tudo se metia e em toda a parte apparecia, principalmente onde não era chamada nem fazia falta, tal como a sua homonima a valsa, que se ouve até na corte do silencio.

Ramona entrara para o serviço dum casal que lhe cheirou a folhetim, que ela palpou que chegaria a sair nos jornais. Sair nos jornais! Quando Ramona sonhava em poder um dia sair nos jornais, chegava mesmo a suspender os trabalhos de vassoura.

Ora aconteceu que o patrão de Ramona, depois dum ano de ausencia completamente injustificada, decidiu voltar a casa, sem telegrafar nem avisar, para ver se assim surpreendia a esposa, que ele não acreditava capaz dum ano de fidelidade.

E cido que ella, procura subir sem que a porta tra a veja e entra em casa de surpresa.

- Que desaja? Quem é o senhor? - exclamou Ramona, assustada e atolestando um assalto.

- E você quem é?

- Sou a crenda! Não me fica mal que ainda para cá entrou ha uma semana.

- Não tenha medo. Não sou um malfeitor. Sou o marido da senhora. O patrão...

- Ah!... - sorriu Ramona. Ramiro não deu pelo Ah! da Ramona porque ja tinha a atenção occupada, tão occupada que perguntou:

- Você tuma?

- Deus me livre! - exclamou a familia.

- Pois aqui cheira a tabaco. E aqui ha pontas de cigarro! - disse Ramiro, apontando as pontas que faziam no cunheiro.

- Ah! senhor! E' melhor que me não perguntes nada!

- Como? Que dizes? Fale! Onde está minha mulher?

- Sair com ele.

- Ele, quem? Quem é ele?

- Quem ha de ser? O outro! A mim até me disse que era o marido, que era o senhor.

- Onde está esse homem?!

Nisto, ouvindo-se passos na escada e Ramona, sempre diligente no desentolar da tragedia, informou que era elle.

Ramiro pôsse em guarda. Sou a chave do outro na fechadura e ambos se encontraram frente a frente.

- Você é o miseravel que me roubou... - ululou Ramiro.

- Que é isto?! Você é que me quer roubar! Socorro!!

E o recém-chegado, aterrado ante o energumeno agressor, correu para a escada, ainda que não tão depressa que Ramiro o não alcançasse, projectando-se pelas degraus.

Ramona, que não tinha perdido detalhe da dramatica scena, exalou um grido.

Sucedendo-se o silencio e, após o silencio, sou ras pancadas na porta.

- Vija lá quem é, mas não abra! - disse Ramiro, convencido de que era ja a polícia.

Era a porteira, que podia para abrirem a porta, a fim de entregar uma carta.

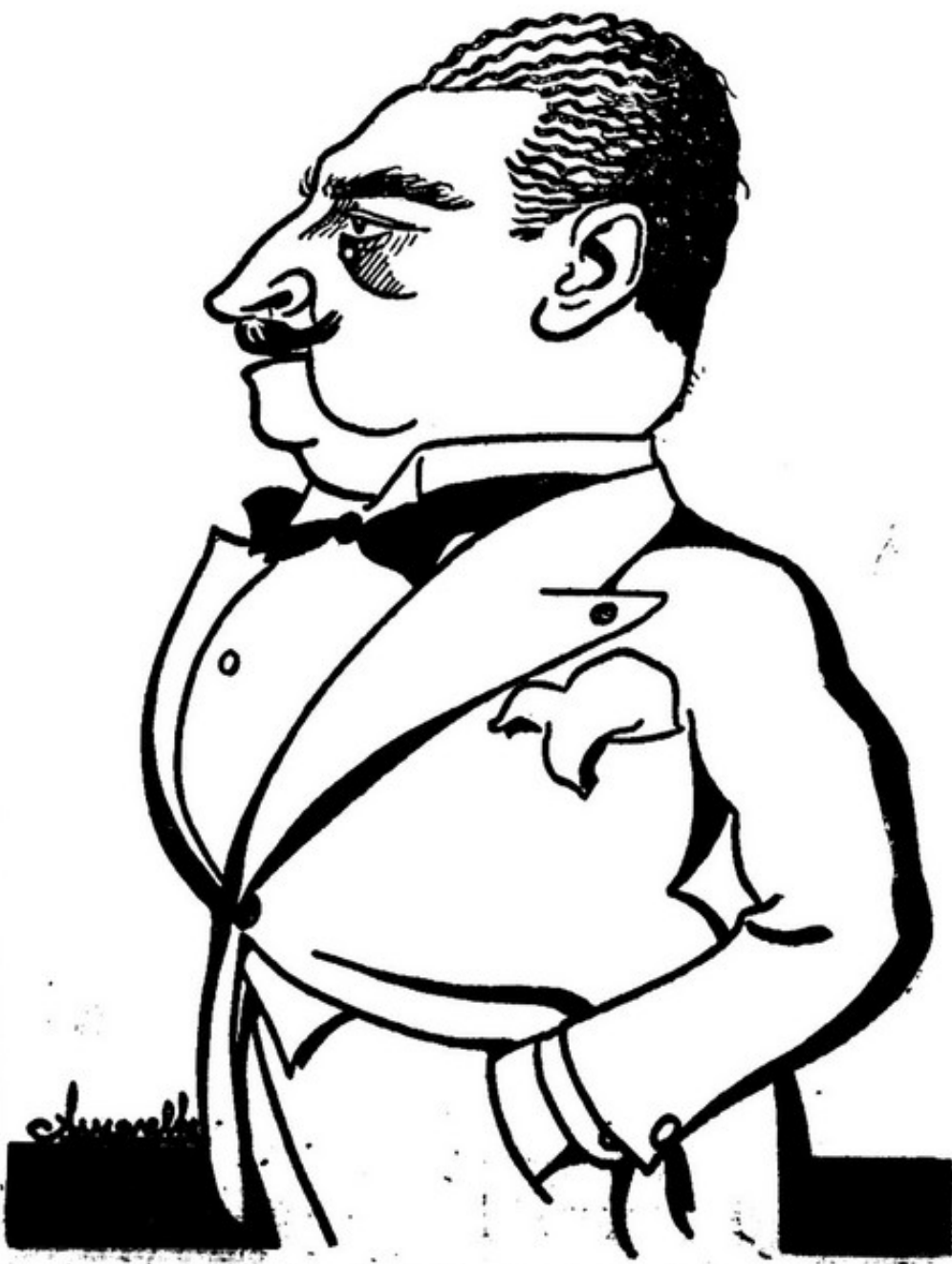
- Aqui não se abre a ninguém! Metta por debaixo da porta!

A carta penetrou e Ramiro, reconhecendo a letra da mulher, leu: «Querido Ramiro: Deixa esta carta na porteira pella quando te resolves a voltar. Eu vou para a aldeia de meus pais e subarrendo a casa»

Ramiro abriu a janela e, meditando a desmanja, intuiu o salto culpado arriava a Ramona.

- Quando eu chegar lá não vos arranjesse como puder com essa gente, sua aferra!

Francisco Santos Tavares



O continuador das tradições de elegancia e espirito da legação de Portugal em Stockolmo e, presentemente, o diplomata pacifico de Haia.

A pele do coelho

Não ha muitos meses, percorria eu as ruas comerciais da Baixa, buscando elementos para o meu já celebre imperito ás Forças Viciissimas da Nação, quando deparei com um estabelecimento de assaz bom porte e só de uma porta, o qual na dita e na unica mostra expunha uma colecção consideravel de peles.

Como estavamos no verão e a moda era as senhoras andarem em pele e isso, pensei surpreender no proprietario da loja um dos muitos sacrificados comerciantes da nossa praça.

E não me enganai. Anunciando-lhe que procedia, por minha conta e risco, a um inquerito, logo ele começou a lamentar-se.

- Os negocios vão maus? perguntei, solto.

- Pessissimos! exclamou. E, para me aguentar com a vida cara, fico sem pele...

- Evidentemente - comentei - eu - agora no verão, o amigo vende metras...

- O que é pior é que tento de vender mais barato. Com pele pago eu as differenças.

- Talvez dando facilidades ao comprador... vendendo as prestações...

- Facilidades dou eu, quando me pregam o cabido, esforçame.

- Ok, dabo! Então, assim, como ha de o amigo pagar os impostos?...

- Como? Saem-me da pele.

O homem falava as suas palavras como se realmente lhe estivessem a arranhar a pele. Olhei com mais atenção para o individuo. Tinha a cara e as mãos com manhas avermelhadas, como essa gente que sofreu vastas quemaduras. Ou já tinham mesmo pelado ja alguma vez? Assustado, como sou, não quei insistir mais no caso extranho, e agradeço-me os infomes, sai, rapido.

Co' toda a pressa que - Sol pedia grandes chapas de luz no asfalto, enchendo de luz das nossas moxeteadas artísticas, e um gallego, puzha uma chapela na cara dum garoto que lhe puxava pelas cordas, puxa eu dos meus apertamentos, e desvi-me pelas em ordem.

Mas, fugando a impressão a que o homem me dára e me dissera. Bem está os rios nas Santos Es e tiras que o nosso país está amassado com o suor do povo e do suor, embora até agora se o tentamos o mudo amassado e m'o suor dos padules que, limpando com a mão que levam no rosto, a saudem para a adocida, para não demorar a cosadura. Agora um homem que vivia da sua propria pele, era coisa bem de espantar.

Entretanto, lembrou-me de que me esquecera de lhe tomar o nome, o que era factor primordial para o inquerito. Voltei sobre os meus passos, (mas grado o vento haver varrido as pegadas) e olhei para a taboleta do commerciante infeliz. Ela dizia simplesmente:

«COELHO PELEIRO»

Tinha, então, compreendido tudo. As lontras, as lontras da Russia, as tapas azues, que ele impingia, eram todas feitas de Coelho. E ele sentia-se um pouco em cada um desses pedaços de pele que vendia e com que pagava as ditadas - os impostos.

Frangipana

A LEI SECA

Tio Sam, co'a pretensão Que o seu povo em nada peca, Diz que na sua nação Não consente um cidadão Que não respeite a lei seca.

Diz que o yankee exemplar Perdeu o feitiço boêmio, Deixou de bebericar, Dedicou-se a trabalhar E é sóbrio, forte e abstenido.

Mas eu, como os meus leitores, Lêmos todas as semanas Que fazem muitos vapores Contrabando de licores Nas costas americanas.

Tio Sam terá razão, Eu, leitores, penso, porém, Que a progressiva não Continua sob a acção Dos... vapores d'alcool, também.

João Fernandes.



O que se diz e o que se não deve dizer

Os desafios de domingo passado

LEVAR E' VENCER...
(ou quem vence leva)

Numa critica dos desafios de domingo depara-se com um termo novo: — *sportingófilos*. Isto, aplicado aos outros clubes, daria resultados muito interessantes. Teriamos, por exemplo, os *casapófilos* e os *homsucessófilos*. E poderíamos até alterar *pallhofilos* — maneira muito interessante de chamar cavalgada a uma pessoa.

Em tempos antigos, os representantes e os socios do Sporting gosavam do epíteto de *lões*. Patoço, porém, que ja lões não a ham unhas, ou garras, para nós de animais. Se a fantasia dos criticos continua a expandir-se em descobertas de cognomes, ainda letemos a ventura de lêr: — *sportingófilos*, *sportingófilos*, *sportingófilos*, *sportingófilos*, *sportingófilos*, *sportingófilos*, *sportingófilos*.

Após uma *culante* comercial muito interessante, foram tentadas em exposição no mesmo stand da Rua da Escola Politécnica as marcas: *Stutz*, *Cord*, *Blackhawk*, *Auburn* e *Morris*.

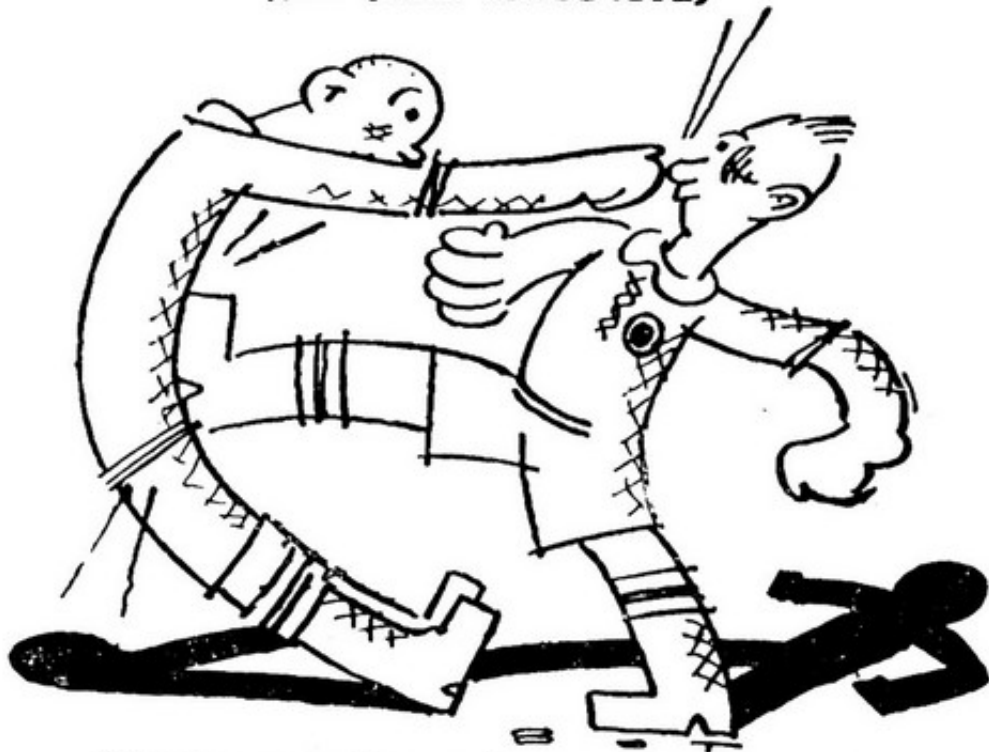
João Ortigão Ramos deslocou do Londe Barão para a Rua da Escola a sua motora e simpática figura de *gentleman* que oferece automóveis como podia oferecer chavenas de chá ou umas estocadas.

Com uma tal colecção de marcas e modelos não é possível que alguém entre no stand e saia a pé. Ha de todos os preços e para todos os gostos — desde o carro de cento e tantos contos até ao automóvel-motocicleta para militares sem graduação.

É uma especie de Grandes Armazens do Chiado do automóvel. E também se dão balões — nas rodas.

Nos desafios de domingo passado houve outra vez umas pequenas diferenças de opinião de que resultou uma insignificante intervenção da policia, variando o campo de sabre em punho.

Isto marcha às mil maravilhas.



O campeonato continúa muito animado em "pé...naltys," e "mão...naltys,"

Diz o *Diário de Noticias*:

... o interior esquerdo, com pouco fisico, gastou muita energia a tentar derrubar Varela, o que nunca conseguiu, diminuindo as suas possibilidades com esse emprego desnecessario.

Não se trata, como a primeira vista pode parecer, duma critica de luta. É um trecho do artigo sobre o desafio de *football* Sporting-União.

Quanto ao emprego desnecessario a que se refere o critico, achamos que o interior esquerdo arranjan um emprego que mais parece um futeo.

Rebola-A-Bola.

O campeonato de Portugal

Quem tem ródex a guardar Não ria das calçadas, Que as ródex do Bom Sucesso Não nasce tam já furadas.

Aquela bola marcada, Co'o tempo ja a fugar, Fez-me lembrar a pastilha Que muito custa a engutar.

O Chelas teve a mania De que vencer é capaz, Mas lembrou-se do comboio E começa a andar p'ra traz.

Mais vale andar no mar alto, Durante noites inteiras Do que no pé dos vestuarios Do campo das Amoreiras.

Eu quero que o meu caixão — dizia a D. Adelaide — Tenha a forma dum *freckcock*, O feitiço dum *off-side*.

Zé Maria.

ATUM EM AZEITE ?!

Só TENORIO.

MARCA REGISTRADA

BERTRAND IRMÃOS, LDA



IMPRESSORES GRAVADORES TELEPHONE, T. 96



1 — D. José vê Escamilho a namorar sua mulher. 2 — D. José descobre que Escamilho usa um cinto de ferro. 3 — Da tinteiro ao moço de estoques para que o deixe ver o curro. 4 — Vai lá dentro e entrega um linan nos cornos do touro. 5 — É proprio Escamilho que se vai espetar nele.

ECOS DA SEMANA

AQUI ESTA S. MARTINHO O
SANTO QUE TANTO DA PAZ
COMO DA CASTANHA
E VINHO

VENCÍ A GUERRA

FESTE JAMOS RUY
COELHO QUENOS
TMBRIEGOU COM A
SUA MUSICA

O GOVERNO FRANCÊS
TARDIEU MAS
ARRECADOU
MAIS 73 VOTOS

O EDEN DESPE JOU-SE
POBRES DOS ADÔS E EVAS
QUE FIGARAM SEM PARAISO

GALIA

